

## O GARIMPO NA CHAPADA DIAMANTINA E SEUS IMPACTOS AMBIENTAIS: UMA VISÃO HISTÓRICA E SUAS PERSPECTIVAS FUTURAS

Paulo Magno da Matta<sup>1</sup>

<sup>1</sup> DEP. NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL

**RESUMO:** Este trabalho, originado de uma dissertação de mestrado de 2006 da UFBA, procura fazer um diagnóstico dos impactos negativos sobre o ambiente natural causados pelo garimpo de diamante na Chapada Diamantina, estado da Bahia, bem como discutir os impactos sobre o ambiente antrópico provocados pelo fechamento desse garimpo. Para isso, foram utilizadas informações registradas durante várias visitas à Chapada Diamantina em um intervalo de oito anos (entre 1997 e 2004). O empirismo da pesquisa foi também obtido através de informações de relatórios oficiais do DNPM, alguns elaborados nos anos 80 do século XX quando a mineração por dragas estava no seu auge. Oficialmente o garimpo começou em 1844, no lugar conhecido hoje como cidade de Mucugê, onde aconteceu o verdadeiro rush do diamante. A partir de lá, os limites da Chapada Diamantina foram definidos com a evolução das migrações realizadas pelos garimpeiros. Até meados dos anos 1970, após diversos momentos de crises e apogeu, imperava somente o garimpo rudimentar conhecido como garimpo de serra ou artesanal, onde o cascalho diamantífero, derivado da erosão dos conglomerados da formação Tombador (Grupo Chapada Diamantina inserido no Super Grupo Serra do Espinhaço), era procurado entre sedimentos eluvionares e coluvionares existentes nos flancos dos relevos. Com a exaustão das jazidas das serras, o minerador lançou mão de equipamentos pesados para explorar os sedimentos aluvionares das bacias hidrográficas. Foram as chegadas das dragas, que caracterizaram um maior volume de produção e, conseqüentemente, maior intensidade nos impactos sobre o meio natural. Os baixos teores de diamantes existentes nas aluviões da Chapada, principalmente na região deste estudo (bacia do rio São José), favoreceram sobremaneira o impacto ambiental negativo, haja vista a necessidade de remover grandes quantidades de sedimentos para se extrair um quilate (0,2 g) de diamante. Entretanto, o alto valor do diamante (250 a 300 dólares/quilate) da Chapada estimulava a mineração, que era praticada de forma ilegal. A condição clandestina da mineração incitada também pela exagerada regulamentação da legislação mineral e ambiental foi discutida com ênfase neste trabalho. A ilegalidade na mineração teria favorecido o estado de degradação ambiental da chapada e chamado a atenção das instituições governamentais de fiscalização para adoção de medidas drásticas contra o garimpo, executadas entre 1996 e 1998. Após a aplicação de um formulário perante as populações das cidades de Andaraí e Lençóis, elaborado para se apreender a visão da população chapadense sobre a questão garimpeira e sua relação com o meio ambiente e o turismo, pôde-se compreender a impressão e o desejo de quem vivenciou o problema após as intervenções adotadas, sem o devido planejamento, pelos governos e seus órgãos fiscais. Os resultados desta pesquisa sugerem um quadro específico de queda na qualidade ambiental urbana das cidades de Lençóis e Andaraí, podendo estender-se às outras cidades das Lavras diamantinas, a saber: Palmeiras e Mucugê.

**PALAVRAS-CHAVE:** GARIMPO; MEIO AMBIENTE; DIAMANTE.